



UNICAMP

P 28.29

EVENTO: LANÇAMENTO DO FILME "JLG/JLG" DE
JEAN-LUC GODDARD

VEÍCULO: JORNAL DO BRASIL

DATA: 08/03/95

PÁGINA: 6

SEÇÃO: CADERNO B



Godard interpreta Godard

'JLG', biografia filmada que o diretor lança hoje em Paris, revela amargura, nostalgia e desprezo por novos cineastas

PARIS — Quando a Gaumont concordou em produzir a biografia filmada do revolucionário cineasta francês Jean-Luc Godard, 65 anos, dirigida por ele próprio, exigiu que seu título fosse chamativo e megalomaniaco, do tipo *Godard por Godard*. Mas o diretor não concordou. "É um filme autobiográfico e muito pessoal", explicou. Dessa forma, o "auto-retrato", que estreia hoje em Paris, chega às telas simplesmente com suas iniciais: *JLG*. Mas, para atenuar a frieza das três letras, Godard acrescentou o subtítulo afetivo *Jeannot*, seu apelido familiar. Por aí se vê que sobrou pouco sarcasmo do ousado diretor de *Acossado* (1959), *Alphaville* (1965), *Uma mulher é uma mulher* (1961), *O desprezo* (1963), *O demônio das onze horas* (*Pierrot le fou*, 1965) e *Je vous salue Marie* (1985), só para citar alguns de seus maiores sucessos, onde este inconformista soube, como poucos, denunciar todos os sistemas, principalmente o cinematográfico.

JLG reflete essa nova fase do ícone da *nouvelle vague* francesa: alguns acertos de contas com produtores, críticas amargas dos colegas e do público, que "jamais compreendeu meus filmes", e uma pitada de nostalgia em relação à infância e adolescência, quando relembra seus primeiros anos na Suíça (onde voltou a morar) ou o tempo de estudante de cinema, época em que não perdia um único filme de Hitchcock, seu mestre agradecido.

Muitos chamarão *JLG* de "exasperação do ego". Mas Godard não liga para as críticas. "Os cineastas não costumam filmar auto-retratos. Trata-se de um exercício que combina mais com a pintura e a literatura. Mas raciocinei: quando os pintores ficam sem trabalho, o que fazem? Pintam seus próprios rostos, fazem auto-retratos. Decidi agir como Picasso e rodei

um filme que fala de mim porque estou sem trabalho, ninguém mais se interessa pelo que faço", afirmou.

Obviamente, seus amigos ficaram preocupados. Como e por que o grande Godard estaria desempregado, obrigado a filmar seu passado para sobreviver? O cineasta acabou confessando: "Atualmente estou preparando um longa-metragem com elenco de primeira qualidade. Mas, em dezembro de 1993, quando rodei *JLG*, não tinha emprego e passava fome".

Porém, como reconhece, o filme serviu para que ele descobrisse os seus limites no cinema. "Pude saber até onde posso ir e até quando o cinema pode aceitar um marginal como eu". De modo que *JLG* reúne uma diversidade de temas: o diretor e sua vida, o herói da *nouvelle vague* e suas paixões, literárias e musicais, o apaixonado pelo cinema que até hoje, apesar dos prêmios e do reconhecimento, mantém com os filmes a mesma relação de quando era criança, adorando uns e odiando outros.

Apesar de ser biográfico, *JLG* não é longo nem tedioso. Dura uma hora e inclui trechos de filmes antigos do próprio Godard e imagens de suas preferências cinematográficas, como *Envoyé spécial*, *le Caire*, do egípcio Youssef Chahin. Godard rodou seu auto-retrato em Rolle, uma cidadezinha situada às margens do lago

de Genebra, na Suíça, para onde emigrou nos anos 80. O filme começa com um *travelling* da câmera em seu quarto e passa para as estantes da biblioteca, de onde tira os livros que mais o marcaram, como os clássicos de Diderot e os romances eróticos de Georges Bataille.

Com voz grave e macia, lê passagens das obras favoritas, como a *Experiência interior*, de Diderot. Quando cansa, leva a câmera para testemunhar seu talento nas quadras de tênis. A seguir, passeia pela floresta e tenta até caminhar sobre



Godard: "Em 1993, quando realizei este filme, estava passando fome"

as águas do lago de Genebra, como se fosse Jesus Cristo. É preciso, porém, ter muito afeto por Godard para acompanhar até o fim suas divagações sobre a vida e a morte. Contudo, pode-se apostar que os cinéfilos dos anos 70 e 80 não resistirão à sua inteligência, a seu humor e ao seu comportamento tão politicamente incorreto.

O espectador vai apreciar, por exemplo, os diálogos entre Godard e seus produtores, em que as posições de ambos são tão divergentes que o plano vira comédia. O diretor relembra, nesta cena, que "aos 14 anos já exigia de meu pai minha parte na herança da família". Compreende-se assim por que o dinheiro é um de seus temas cinematográficos favoritos. "Nunca quis seguir os conselhos de Roberto Rossellini", recorda. "Dizia-me: faça filmes sobre a Idade Média, só vai precisar de três sacos de batatas e algumas paisagens rústicas. Dispensará assim os figurinos e a decoradora do filme."

O auto-retrato se encerra com um tiro-teo contra os novos cineastas e contra os recentes sucessos de bilheteria. Para Godard, *Forrest Gump* "não presta, é uma bobagem". Quanto a *Os visitantes* — *eles não nasceram ontem*, a produção francesa mais assistida no ano passado, diz que "nos faz passar um bom momento mas não é um filme otimista". Sobre as comemorações do centenário do cinema, dispara: "Será um belo enterro com flores e coroas, porque não há nada para celebrar."

Para o mestre da desconstrução da linguagem cinematográfica, o cinema deve ser sinônimo de choque: "Como o que senti nos anos 50 quando vi nos Champs Elysées um filme estrelado por Viviane Romance sobre os campos de concentração". No final da projeção de *JLG*, a impressão é de que, apesar da imortalidade dos ídolos, Godard é hoje um velho adolescente, desrespeitoso, amargo, cansado. Mas cuja paixão de filmar ainda nos proporcionará muitos filmes polêmicos.

DECLARAÇÕES

■ **'Forrest Gump'** — "Não presta, é uma bobagem."

■ **Roberto Rossellini** — "Rossellini me dizia: faça filmes sobre a Idade Média, só vai precisar de três sacos de batatas e algumas paisagens rústicas. Dispensará assim os figurinos e a decoradora do filme."

■ **Cem anos do cinema** — "Será um belo enterro com flores e coroas, porque não há nada para celebrar."

■ **Público** — "Jamais compreendeu meus filmes."

■ **Cinebiografias** — "Os cineastas não costumam pintar auto-retratos. Trata-se de um exercício que combina mais com a pintura e a literatura. Mas raciocinei: quando os pintores ficam sem trabalho, o que fazem? Pintam seus próprios rostos, fazem auto-retratos. Decidi agir como Picasso e rodei um filme que fala de mim porque estou sem trabalho."

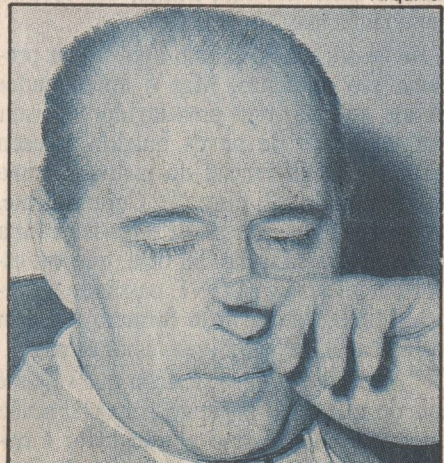
■ **Posteridade** — "Ninguém mais se interessa pelo que faço."

■ **Próximas produções** — "Atualmente estou preparando um longa-metragem com elenco de primeira qualidade. Mas, quando rodei *JLG*, não tinha emprego e passava fome."

■ **Dinheiro** — "Aos 14 anos já exigia de meu pai minha parte na herança da família."

■ **'JLG', o novo filme** — "Pude saber até onde posso ir e até quando o cinema pode aceitar um marginal como eu."

Arquivo



Rossellini: conselho dispensado

Arquivo



Forrest Gump: uma bobagem

Arte Édio Xavier